

**A FUNÇÃO DOCENTE COMO INTELECTUAL  
EMANCIPADO: A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA  
ALÉM DA TÉCNICA DE ENSINO\***

**TEACHING FUNCTION AS AN EMANCIPATED  
INTELECTUAL: TEACHER TRAINING BEYOND  
TEACHING TECHNIQUE**



Rogério Rodrigues   
Universidade Federal de Itajubá

*O olhar que renuncia à compreensão e,  
com isso, deixa o inumano exposto, para  
além de qualquer banalização  
(RANCIÈRE, 2018, p. 78).*

## RESUMO

O objetivo deste ensaio é colocar em evidência alguns apontamentos para se pensar a função do professor como intelectual emancipado nas relações de ensino e aprendizagem que ocorrem em sala de aula. O processo formativo do sujeito no âmbito escolar encontra-se na dificuldade da construção da proposta de ensino como lugar para se fazer no espaço do comum da sala de aula a partilha da cultura escolar. A metodologia utilizada encontra-se no campo da teoria crítica, no sentido da apropriação do conceito filosófico referente ao lugar do sujeito no campo da cultura, que pode encontrar-se em pensar o outro numa relação de igualdade que se pauta do diálogo ou na oposição da desigualdade em

---

\* Agradecimento aos alunos do curso de licenciatura da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Esse texto foi inspirado na aula inaugural, realizada em 10 de março de 2023, na Universidade do Vale do Sapucaí – Univás, para professores e alunos do Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade.

que um manda e o outro obedece. A partir dessa análise, pode-se concluir que a educação escolar se encontra no paradoxo da desigualdade e que isso deveria ser eliminado para a construção da sociedade plenamente democrática e participativa. O enfrentamento dessa contradição constitui o trabalho em sala de aula como lugar da realização da função docente como intelectual e emancipado.

**Palavras-chave:** Educação. Intelectual. Emancipado. Democracia. Cidadania.

## **ABSTRACT**

The purpose of this essay is to highlight some notes for thinking about the role of the teacher as an emancipated intellectual in the teaching and learning relationships that occur in the classroom. The formative process of the subject in the school environment is found in the difficulty of constructing the teaching proposal as a place to share the school culture in the common space of the classroom. The methodology used is in the field of critical theory, in the sense of appropriating the philosophical concept referring to the place of the subject in the field of culture, which can be found in thinking the other in a relationship of equality based on dialogue or opposition the inequality in which one commands and the other obeys. From this analysis, it can be concluded that school education is in the paradox of inequality and that this should be eliminated for the construction of a fully democratic and participatory society. Facing this contradiction constitutes the work in the classroom as a place for carrying out the teaching function as an intellectual and emancipated.

**Keywords:** Education. Intellectual. Emancipated. Democracy. Citizenship.

## **Introdução - a função docente como intelectual emancipado e a criticidade na atividade educativa**

Por vários anos trabalhando diretamente na formação de professores no curso de licenciatura, venho insistindo que se deve analisar criticamente as diversas banalizações que se encontram presentes na atividade educativa que destituem por completo a função docente como intelectual emancipado. Compreendemos que a função do professor como intelectual já se inicia nos cursos de licenciatura, ao se colocar em evidência os diversos paradoxos dos processos formativos presentes na escola que podem servir de base empírica para se analisar o ensinar e o aprender.

Diríamos que a maior contradição que possa ocorrer nas relações de ensino e aprendizagem seria a perda de interesse no conteúdo que se transmite para o outro. A pergunta central seria: como alguém pode se interessar por um assunto em que aquele apresenta e esse não possui qualquer tipo interesse na discussão?

No campo dos processos formativos, essa ausência de interesse se apresenta por diversas formas de expressões que reduzem a função do professor na aplicação da técnica de ensino sem a compreensão crítica daquilo que faz em sala de aula e produz o tecnicismo pedagógico. O tecnicismo pedagógico foi identificado pelo Prof. Dermeval Saviani, no livro *Escola e Democracia*, publicado no ano de 1983, que colocou em evidência outras possibilidades de pensar a educação numa posição contrária, que seria pelo viés da teoria crítica (SAVIANI, 1999).

A teoria crítica, na educação, seria uma forma de reação aos processos alienantes do ensinar e aprender em que o professor se posiciona como aquele que pensa criticamente o conteúdo numa perspectiva histórica e, portanto, destruindo sua neutralidade. Logo, a questão de reconhecer a não neutralidade dos conteúdos transmitidos em sala de aula posiciona o professor numa perspectiva de intelectual, pois reconhece a responsabilidade dos aspectos de imputar no outro uma determinada concepção de mundo.

Seria importante para o professor como intelectual compreender o espaço de sala de aula como lugar que permite a realização de determinada forma de dominação, pois o outro fica subordinado, numa situação em que: “Podemos vesti-lo com nossas cores, rodeá-lo com nossas palavras, levá-lo ao lugar que para ele fizemos em nossa casa e mostrar-lhe como algo totalmente próximo e familiar, como algo que nos pertence” (LARROSA, 2004, p. 187).

Portanto, o reconhecimento dessa forma de dominação se apresenta como elemento primordial para se destituir a neutralidade no processo educativo, em que se apresenta a marca daquele que educa o outro como um modo de colonizar, ou seja, o outro pensa o mundo a partir das referências da cultura escolar (BLACK, 2011). Na atividade docente, buscamos trabalhar a vertente crítica da educação, que esse processo de colonizar o outro possa

resultar na liberdade de expressão em que a reflexão seja a atividade do pensamento que possa construir seu lugar de estar no mundo.

Diante dessa problemática do enfrentamento em sala de aula para a realização do ensinar e aprender, este ensaio busca colocar em discussão a função docente como intelectual, ou seja, as possibilidades da formação dos futuros professores na perspectiva da emancipação, em que se possa reconhecer a responsabilidade que se encontra presente na transmissão da cultura escolar no paradoxo da dominação e liberdade.

Podemos constatar que em grande parte das instituições de ensino, a função primordial do docente no tecnicismo pedagógico se pauta na lógica do ensinar e aprender reduzida à apropriação da técnica de ensino neutra e sem o trabalho crítico do pensamento. Isso pode ser constatado pelas referências dos livros didáticos utilizados em sala de aula, em que a ação do professor se apresenta como aplicador de atividade. Portanto, o exercício da função docente se torna apenas um operador da atividade, como aquele que aplica adequadamente o método de ensino e impede a ação reflexiva e, primordialmente, a condição criativa em sala de aula. Diante desta situação, temos como hipótese de análise dos processos formativos que ocorre uma perda da criticidade na atividade educativa no campo escolar.

Partimos do pressuposto de que essa degradação pedagógica ocorre num duplo movimento, de um lado, o método de ensino justifica o problema educacional quando o professor não é capacitado. Por outro lado, temos a subordinação do sujeito à técnica de ensino que tem como resultado a perda da criticidade na atividade educativa.

Podemos encontrar no ambiente escolar diversas narrativas que expõem a falta de capacitação e problema educacional que indicam os motivos não críticos porque o outro não aprende ou por quais motivos o outro não ensina. Essas narrativas se apresentam como forma de escapar do problema educativo central, que seria compreender radicalmente que na:

[...] formação intelectual – não há como driblar o fato de que o candidato deve, primeiro, emprestar as suas orelhas à invocação de uma palavra professoral, para depois, após tomá-la por assalto, vir a se lançar à aventura da e(a)nunciação. Eis aqui o osso duro de roer: como passar de uma posição a outra no interior do campo da palavra e da linguagem? (LAJONQUIÈRE, 2009, p. 160).

Essa passagem de escuta do sujeito para caminhar para o lugar em que possa assumir a posição de intelectual se encontra relacionada diretamente com o modo que incorpora as relações do ensinar para que o outro possa aprender. Isso significa compreender criticamente a atividade educativa e isso deveria constituir a base teórica e prática dos cursos de formação de professores.

Nessa relação entre teoria e prática, a atividade educativa deveria ocorrer para além da técnica de ensino no sentido de pensar criticamente o mundo. Isso condiz em dizer que a atividade educativa não se apresenta como algo restrito à informação que se limita na aplicação da técnica e sim como atividade educativa reflexiva que pode resultar numa experiência de vida que altera o modo do sujeito ver e pensar o mundo. Para tanto, o processo formativo seria algo no sentido de colocar em evidência as contradições que se apresentam na dinâmica da realidade em que sala de aula seria um espaço oportuno para se realizar essa atividade educativa.

O espaço de sala aula seria o lugar especial para uma longa conversa conceitual sobre o ensinar e aprender, pautada na criticidade para pensar o mundo e, fundamentalmente os modos de pensar e fazer no campo dos processos formativos. Entretanto, o que seria essa condição em ser crítico na função docente como intelectual emancipado?

Diria que parte dessa resposta se encontra presente no modo como é exercida a função docente em sala de aula em que se estabelece, basicamente, em três eixos, que seriam: 1. A atividade educativa numa relação pautada na igualdade entre os sujeitos; 2. O trabalho do pensamento crítico nas relações educativas e, por último, 3. O exercício da autoridade na função docente no uso da palavra. Esses três eixos estabelecem uma forma específica da presença dos sujeitos para apresentarem os conteúdos escolares nas interfaces da educação com o universo atual das tecnologias de ensino em que os sujeitos se relacionam entre si no campo da cultura.

Partimos do pressuposto de que o modo como os sujeitos incorporam a cultura determina o modo de fazer a atividade pedagógica. Neste caso, o intelectual emancipado transparece em suas ações críticas em sala de aula no campo da atividade educativa que resiste as formas de desigualdades e subordinações alienantes das tecnologias de ensino e, principalmente, as

condições da repetição sem a reflexão do trabalho do pensamento que destituem a autoridade no fazer pedagógico.

O problema educativo pode ser identificado na indiferença do sujeito perante a cultura. Isso pode ser produzido numa atividade educativa alienante pautada na informação que reduz a técnica na repetição, mais propriamente, em algo que se assemelha aos processos de adestramento. Essa condição destitui o saber reflexivo dos sujeitos orientados pela autoridade em sala de aula amplia a desigualdade. Romper com a repetição alienante seria construir o seu oposto, que seria a atividade educativa em que os sujeitos deveriam lidarem com os diversos modos na transmissão dos conteúdos.

A função docente como intelectual emancipado seria a presença do sujeito em sala de aula como alguém que se encontra implicado com o mundo e disponível para pensar sua área de atuação, como uma forma evidenciar as contradições que se apresentam nas dinâmicas da realidade ao se pensar o mundo que se encontra incorporado em suas ações.

A condição progressista no campo dos processos formativos se apresenta no sujeito, na criticidade nas relações pedagógicas ao se produzir a diferença na repetição em que prevalece as formas criativas de pensar o mundo. Portanto, diria que o fazer docente em sala de aula seria essa a condição de intelectual emancipado que se apresenta na posição de implicar-se com o mundo ao redor em que o olhar busca a compreensão no sentido de evitar o “[...] inumano exposto, para além de qualquer banalização” (RANCIÈRE, 2018, p, 78).

Compreendemos que a formação do professor para além da técnica de ensino se inicia, basicamente, no envolvimento deste com o mundo, mais propriamente, com aquilo que se apresenta banalizado no cotidiano pelas condições de existência dos sujeitos (GHIRALDELLI, 2023). Para tanto, torna-se de fundamental importância que a transmissão da cultura seja algo que se estabeleça em sala de aula, no diálogo, e que possa se realizar numa relação de plena discussão em que ocorra a igualdade para com o outro nas relações de ensino e aprendizagem. A condição básica para essa igualdade seria romper com a hegemonia das diferenças, a qual se encontra estabelecida no princípio de que:

[...] os “dominados” não podem sair por eles mesmos do modo de ser e de pensar que o sistema de dominação lhes confere; segundo, não devem perder sua identidade e sua cultura procurando apropriar-se da cultura e do pensamento dos outros. [...] Nas promessas da ciência libertadora ou nas

exaltações das culturas do povo, podia-se reconhecer uma injunção bem mais antiga, aquela mesma que a República de Platão tinha fixado a fórmula: que cada um exerça sua própria função e desenvolva a virtude própria à sua condição. [...] Essa história de ouro e de ferro, concede Platão, é uma fábula. Mas basta que se creia numa fábula para ela ser eficaz. E para acreditar nela, basta estar na posição que ela legitima: a posição daquele que não tem tempo e tampouco outra opção a não ser acreditar na fábula da sua inferioridade (RANCIÈRE, 2023, p. 34).

Esse modo de pensar o outro numa relação plena de igualdade não é algo espontâneo e, portanto, resulta dos processos formativos em que o futuro professor exercita uma determinada maneira de representar o mundo e a ciência. Isso ocorre no processo formativo como modo específico de olhar para o outro, numa perspectiva de igualdade como elemento determinante para que ele se possa posicionar como representante da cultura diante seus alunos.

A cultura escolar deveria se constituir como ferramenta para ampliar o processo de emancipação que já se encontra presente nos sujeitos em sala de aula ou na vida em sociedade implicados com o desejo de saber. Os paradoxos da desigualdade deveriam ser algo para ser colocado em evidência na formação dos futuros professores, destituindo a ilusão que existe algo do saber mais que o outro e isso seja o ponto de diferença. O saber que se apresenta no conhecimento seria algo para o sujeito se deslocar de si mesmo e deixar a posição passiva de espectador para aquele que participa da ação reflexiva.

O sujeito atuante não reflexivo e destituído de saber se apresenta na prática cega e autoritária. Essa condição determina o espaço da sala de aula que se burocratiza e deixa de existir como lugar para a realização do intelectual emancipado – o sujeito reflexivo. O termo intelectual emancipado se inspira em Jacques Rancière (2019), no conceito de “espectador emancipado”, que seria a passagem em que:

O espectador deve ser retirado da posição de observador que examina calmamente o espetáculo que lhe é oferecido. Deve ser desapossado desse controle ilusório, arrastado para o círculo mágico da ação teatral, onde trocará o privilégio de observador racional pelo do ser na posse de suas energias vitais (RANCIÈRE, 2019, p. 10).

Nesta condição da criticidade, a formação do professor seria a transição na passagem da passividade do observador ou realizador da prática cega para se constituir no sujeito da atividade reflexiva que ocorre “[...] na posse de suas energias vitais” (RANCIÈRE, 2019, p. 10). A sala de aula seria o lugar

privilegiado que se apresenta como lugar para que ocorram as formas interativas para se discutir os conceitos e pensar o mundo junto com o outro. Para tanto, deveria se evitar as formas de subordinação com as técnicas de ensino em que possa prevalecer o trabalho crítico do pensamento.

Numa aproximação direta com a dinâmica em sala de aula, observo que, em grande parte, os alunos não anotam em seus cadernos quando o professor não escreve na lousa. Isso pode se apresentar como algo irrelevante, mas torna-se um grande detalhe que se apresenta uma importância simbólica em termos de representação da atividade em sala de aula como cópia, em que prevalece o modo mecânico de fazer as ações. O sujeito se adere a copiar como paradigma de estar presente em sala de aula e evita o implicar-se de pensar e recriar outras formas próprias de representação do mundo.

Para a formação do professor emancipado como intelectual, o caderno de anotação deveria ser um lugar de interpretar e, principalmente, em registrar a criação das ocorrências em sala de aula em completa oposição do caderno como lugar de copiar numa repetição alienante, sem o trabalho do pensamento crítico.

Neste contexto, para se evitar a cópia alienante que subordina o sujeito às técnicas de ensino, dever-se-ia compreender a formação do intelectual emancipado como uma forma de relação educativa, em que a igualdade se encontra como ponto de início e não como ponto de chegada, visto que:

A emancipação intelectual é a comprovação da igualdade das inteligências. Esta não significa igual valor de todas as manifestações da inteligência, mas igualdade em si da inteligência em todas as suas manifestações. Não há dois tipos de inteligências separados por um abismo. (RANCÈRE, 2019, p. 14).

Nessa relação educativa que se pauta na igualdade, a metodologia de ensino se apresenta no paradoxo da simplicidade de pensar junto com o outro a complexidade do mundo. Deve-se abandonar a submissão do sujeito à técnica instrumental que possa ser aplicada para tirar o outro do lugar da ignorância. Uma relação educativa é algo que se constrói artesanalmente a cada encontro com o outro, no modo específico para se realizar os processos de ensino e aprendizagem. É nessa proposição do ensinar e aprender na função docente como intelectual emancipado em que a formação dos professores deveria ocorrer para além da técnica de ensino. Isso pode constituir e determinar o

processo formativo junto com o outro numa forma inteligente no modo de pensar e existir no mundo.

### **A educação como processo de construção de modo específico de olhar e pensar o mundo**

Partimos do pressuposto da responsabilidade de educar o outro na ambivalência da dominação e liberdade, pois em última instância se trata numa forma de dominação no processo de construção de modo específico de olhar e pensar o mundo. Entretanto, deve-se levar a construção da plena autonomia do sujeito pensar o mundo. Aqui, temos um problema inicial que se encontra como desafio pedagógico, ou seja, como se pode construir a liberdade tendo como ponto inicial um processo de dominação na forma de pensar o mundo?

A posição do professor como intelectual emancipado seria algo que enfrenta essa questão no trabalho de transmissão dos conteúdos e se constrói na criticidade da prática educativa. Na transmissão em sala de aula, deveria buscar destituir as formas de dominação ao colocar em discussão a pseudoneutralidade do conteúdo que é transmitido para o outro. Essa forma de trabalho educativo se estabelece numa forma específica de relação de pensar o mundo junto com o outro. Diante deste modo de ser professor, torna-se de grande importância como aprendemos o conteúdo no campo da cultura escolar, pois isso determina como ensinamos o outro, em que:

Compreendemos que a função do saber instrumental do especialista explicador vem atuando de modo hegemônico em diversos cursos de formação de professores, nos cursos de licenciatura em que se estabelece como eixo central, no processo de ensino e aprendizagem, a partir do pressuposto de que, para ensinar algo, o sujeito tem que dominar o assunto, numa apropriação técnica e neutra, expondo aos seus alunos o saber verdadeiro no campo da cultura escolar (RODRIGUES, 2020, p. 49).

Devemos levar em consideração que, em grande parte, o conteúdo escolar determina a forma de ensinar e aprender e isso acaba se constituindo como o professor atua criticamente em sala de aula com os alunos. Nesta relação entre forma e conteúdo, o professor deveria incorporar a cultura como sendo algo que faz parte de si mesmo. Ao colocar em discussão o conteúdo escolar, seria algo que se apresenta como modo de expressão de si mesmo. Ao realizar a atividade em sala de aula, seria o momento em que se torna possível mostrar o conteúdo numa determinada forma de expressar seu próprio modo de pensar o mundo.

Diria que é essa a condição do sujeito estar em sala de aula, a qual se apresenta na função do professor como intelectual emancipado, em que ocorre no exercício crítico do trabalho do pensamento em que se estabelece como eixo central nas disciplinas a serem ofertadas aos alunos, nas quais se torna pertinente mostrar o conteúdo no modo próprio de expressar-se em sala de aula nas atividades educativas.

Torna-se oportuno pensar a formação dos professores no curso de licenciatura numa determina concepção de educação, em que as tecnologias de ensino e suas diversas derivações se encontrem subordinadas à lógica reflexiva que se analisa o sujeito da aprendizagem como ativo e participativo. Desse modo, de um lado, analisa-se como o sujeito aprende e, por outro lado, como o espaço escolar se apresenta como lugar do ensinar e aprender. Essa condição determina as interfaces entre a educação e as tecnologias num modo específico de pensar o processo de escolarização, no sentido de compreender a ciência e, primordialmente, o mundo. Para tanto, para se pensar o mundo, deve-se, em sala de aula, realizar a condição de primeiro:

[...] subtrair algumas coisas do uso, da função e da utilidade; a segunda: colocá-la à distância para estabelecer com elas uma relação ao mesmo tempo interessante e desinteressada; a terceira: chamar a atenção sobre elas e demorar-se nelas. E isso é o que se faz, ou fazia, a escola (LARROSA, 2021, p. 97).

Neste contexto, ao apresentar o mundo para os futuros professores no curso de licenciatura também estaria colocando em discussão a metodologia de ensino que se produz e se consome em cada encontro em sala de aula. Isso seria, também, colocar em evidência, no âmbito escolar, a função do professor como intelectual.

Pensar os processos formativos para além da técnica de ensino é compreender que essa é apenas a manifestação do modo crítico de compreender as relações de ensino e aprendizagem. Logo, a técnica de ensino está diretamente relacionada com o campo dos processos formativos no modo de expressar a atividade prática da Filosofia da Educação, em que se busca pensar o ensinar e aprender como algo inédito (LARROSA, 2004).

O curso de licenciatura na formação dos professores seria um momento importante para a realização da função do docente como intelectual, em que a transmissão do conteúdo escolar se apresenta numa determinada concepção de

ciência e, portanto, espera-se do sujeito um modo radical para se olhar para o mundo, para além da aparência que se manifesta na dinâmica da realidade no campo escolar.

Portanto, a realidade não se apresenta aos homens, à primeira vista, sob o aspecto de um objeto que cumpre intuir, à primeira vista, sob o aspecto de um objeto que cumpre intuir, analisar e compreender teoricamente, cujo polo oposto e complementar seja justamente o abstrato sujeito cognoscente, que existe fora do mundo e apartado do mundo; apresenta-se como o campo em que se exercita a sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade. (KOSIK, 1976, p. 10).

A perspectiva crítica de compreender as interfaces entre educação e as tecnologias para além das aparências requer determinada proposição de ensino e aprendizagem que se encontra presente no exercício da função docente como intelectual no modo radical de compreender e interpretar a realidade. Neste caso específico, ocorre uma relação entre a função docente e a formação universitária, em que o modo de compreender a realidade se apresenta em diversos aspectos da liturgia, no modo de fazer o ensino em sala de aula, que envolve os pressupostos da autoridade daquele que diz algo sobre a cultura no campo escolar, em que:

[...] cabe perguntar é qual é a relevância do conceito de autoridade numa época onde ela se desagrega até mesmo no processo educacional, onde a crise da tradição, como aponta Hannah Arendt, impede que se estruture educação e autoridade para a escola poder servir de ponte entre o mundo privado e o mundo público dos adultos? (LAFER, 2011, p. 24).

A própria presença do professor como intelectual no exercício da função docente seria a manifestação desse modo peculiar de olhar e pensar o mundo em sala de aula, em seu aspecto litúrgico, que se condiz como jeito próprio de ser sujeito, pois

[...] é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres” (FREUD, 1990, p. 286).

Podemos considerar que são essas influências do ser professor em sala de aula que determina a qualidade do processo formativo, principalmente, a expressão da autoridade dos sujeitos no campo da cultura. Esse modo do sujeito estar em sala de aula se constitui como elemento básico para se construir a linha central que demarca junto com os alunos a passagem entre a proposição do conteúdo e da cultura escolar para além da técnica no modo prático de fazer as atividades educativas.

O professor como intelectual emancipado trabalha no sentido de mostrar os conteúdos em sua ação de olhar e pensar o mundo presentes nas discussões em sala de aula. Diria que o conteúdo se mostra no modo de ser sujeito crítico para olhar e pensar o mundo. Essa atividade educativa deveria estabelecer as condições necessárias para que os futuros professores possam evidenciar as proposições entre o conteúdo e a forma que determinam uma técnica de ensinar.

Compreendemos essa técnica de ensino como algo que se produz e se consome na sala de aula, numa relação de discussão entre as unidades teoria e prática que definem a liturgia do exercício da função docente do sujeito perante a cultura escolar.

A partir desse pressuposto, evidenciamos a hipótese desse ensaio, em que na formação universitário no curso de graduação deveria ocorrer algo distinto na reificação da técnica de ensino como elemento primordial para transmissão do conteúdo. Para tanto, buscamos romper com esse processo de alienação do sujeito perante a técnica de ensino, para que realize a constituição do sujeito como intelectual. Nessa condição é que aprendemos ser e a pensar criticamente, é a partir da experiência docente que encontramos na educação básica e no ensino superior como o conteúdo é pensado criticamente, em que a técnica seria algo que

[...] realiza-se até o fim o processo da subsunção real do trabalho ao capital, precisamente no sentido (como vimos) de que tal subsunção se manifesta no terreno material do processo de trabalho, então é claro que o próprio corpo do instrumento, sua própria estrutura material, tem a marca dessa subordinação do trabalho. (NAPOLEONI, 1981, p. 95).

No processo formativo, o papel como professor intelectual emancipado seria pensar as dinâmicas das atividades educativas no campo escolar como algo além da técnica de ensino e, portanto:

[...] uma máquina não utilizada de modo capitalista deveria ser uma máquina *diversa* da que é utilizada de modo capitalista. Em outras palavras: as máquinas, tais como as conhecemos, são frutos de uma tecnologia (e talvez também de uma ciência) que foi toda pensada sobre a base do pressuposto do trabalho alienado. Numa situação diversa, a mudança deveria envolver o próprio processo de conhecimento e de realização tecnológica, do qual a máquina é o resultado. (NAPOLEONI, 1981, p. 95).

Essa desconstrução dos conteúdos pode ocorrer em cada encontro em sala de aula, nos quais se apresentam as contradições entre a técnica e a ciência

que subordinam os sujeitos como forma de indicar a formação crítica aos futuros professores. A sala de aula seria o lugar de como se deve posicionar-se diante-a realidade na responsabilidade de dizer algo para o outro que se pauta na autoridade perante a cultura escolar. Entretanto, isso se apresenta como verdadeiro paradoxo na conjuntura atual que se constrói a hegemonia do espaço escolar como lugar da banalização e na intensificação da profissionalização do sujeito, em que as formas de ensinamentos se constituem como atividades de práticas cegas e que desdenham o trabalho do pensamento crítico.

No caso do exercício da função docente como intelectual emancipado ocorre no trabalho do pensamento crítico no interior do curso de licenciatura, em que a formação do professor seria uma projeção daquilo que incorporamos a partir do modo como aprendemos a cultura escolar científica, pois:

Durante muitos anos, no curso de Psicologia da Educação, destinado aos alunos do curso de licenciatura, venho analisando criticamente os diversos caminhos que se encontram presentes nas narrativas dos processos formativos dos professores, principalmente, a hegemonia pedagógica referente à noção de verdade em ser professor, pautada no ensino instrumental. Essas narrativas se apresentam de modo espontâneo nos cursos de licenciaturas e colocam em discussão o conceito de formação de professor em que cada atividade em sala de aula seria a possibilidade do testemunho do que seria ser “professor de verdade” (RODRIGUES, 2020, p. 49).

Fica constituído que o pressuposto da criticidade na formação do professor encontra-se circunscrito na incorporação do conteúdo, no campo da cultura escolar científica e a forma de expressar-se em sala de aula como aquele que apresenta para os outros os caminhos do ensinar e aprender no exercício da função docente como intelectual (XXX, 2022).

A presença do professor em sala de aula como intelectual ocorre no rigor científico da atividade escolar, para além do senso comum que se detém em aspectos informativos. Essa condição própria de estar em sala aula estrutura um conjunto de modo de fazer e pensar em que os sujeitos passam a pensar o mundo e, principalmente, exercer as atividades que interagem com a realidade na realização do trabalho.

Diria que o ponto central no processo de formação crítica do sujeito seria pensar a realidade na unidade entre a teoria e a prática, no sentido de romper com a superficialidade da informação. Para tanto, o lugar de sala de aula seria o momento de evidenciar os aspectos contraditórios que se encontram presentes na realidade. Isso seria algo que, no campo escolar, conduz os processos

formativos para além da técnica e se traduzem pela transmissão dos conteúdos numa perspectiva de discutir os fundamentos da ciência destituindo sua neutralidade (NAPOELONI, 1981) e explicitando como produção de representação de concepção de mundo e ciência. O inverso dessa condição seria a alienação de se pensar que a técnica neutra é algo que anula a riqueza da discussão da ciência e, portanto, ela se apresenta como forma de treinamento de exercício do pensamento não crítico.

Torna-se verdadeiro o paradoxo educativo de formar um professor como intelectual que não pensa a técnica para além do reducionismo da repetição mecânica da atividade em que prevalece as formas de disciplinarização do sujeito, em que os modos de fazer a atividade educativa se apresentam:

As disciplinas foram técnicas de adestramentos e individualização que pretendiam maximizar as forças dos indivíduos, otimizar seus rendimentos e, ao mesmo tempo, extrair deles saberes e lhes conferir uma determinada natureza. A forma que adotou o exercício do poder fez, por exemplo, com que nas instituições escolares se deixassem progressivamente de utilizar os mecanismos repressivos. O poder deixou de ser exterior aos sujeitos para fazer-se interior ao próprio processo de aprendizagem. Desse modo, tenderam a desaparecer as penalizações exteriores, ao mesmo tempo em que a natureza que se conferia a cada aluno aparecia cada vez mais como resultado de suas próprias capacidades e aptidões (VARELA, 1995, p. 92).

O ponto básico para a formação do professor como intelectual seria a possibilidade de encontrar o tempo para pensar em produzir sentido para se compreender a dinâmica da realidade. Essa condição se constitui numa forma de apresentar-se como professor, em que estar presente em sala de aula se torna expresso na liturgia do cargo na exposição da cultura escolar.

O importante a destacar é que parte da justificativa para se manter no uso acrítico da técnica de ensino se impõe no discurso de estar sem tempo e espaço para estudar. Isso ocorre na prática cega, no uso dos livros didáticos em que o professor fica subordinado ao mesmo. Isso se aproxima também da perspectiva de não ter tempo para pensar.

Os futuros professores não deveriam ser treinados para serem aplicadores de atividades para os alunos ficarem fazendo lista de exercícios. A questão seria em estar implicado com a cultura escolar e com os problemas educacionais que se encontram presentes no cotidiano de sala de aula. Para tanto, torna-se que nos cursos de formação de professores se realizem uma discussão crítica da posição do professor em sala de aula.

## **Conclusão – a criticidade como modo próprio de fazer a atividade educativa**

Torna-se oportuno, agora, pensar a função docente como intelectual e emancipada nos processos do ensinar e aprender numa perspectiva crítica e direta aos processos de alienação do sujeito. Na perspectiva crítica, sabemos que toda vez que entramos em sala de aula vivemos uma experiência inédita nas relações do ensinar e aprender. Uma aula que se repete plenamente tem algo de imposição alienante que destitui por completo o professor como intelectual emancipado. O interessante seria compreender esses aspectos de dominação que impedem a compreensão do sujeito de pensar e que se torna subordinado à palavra do outro, em que:

[...] não é qualquer um que pode em qualquer lugar e em qualquer ocasião dizer qualquer coisa a qualquer outro. O discurso competente determina de antemão quem tem o direito de falar e quem deve ouvir, assim como predetermina os lugares e as circunstâncias em que é permitido falar e ouvir, e, finalmente, define previamente a forma e o conteúdo do que deve ser dito e precisa ser ouvido. (...) Em uma palavra, a ideologia da competência institui a divisão social entre os competentes, que sabem, e os incompetentes, que obedecem (CHAUI, 2016, p. 187).

A ruptura dessa relação educativa do mandar e obedecer encontra-se diante dessa polaridade entre o professor como intelectual e a sua completa anulação, portanto, buscamos em termos de conclusão, estabelecer algumas proposições para se pensar a formação dos professores para além da técnica de ensino. Para tanto, iremos retomar os três eixos anteriores, que seriam: 1. A atividade educativa numa relação pautada na igualdade entre os sujeitos; 2. A busca do trabalho do pensamento crítico nas relações educativas e, por último, 3. O exercício da autoridade na função docente no uso da palavra.

Para o exercício da igualdade entre os sujeitos, seria pertinente que a atividade educativa ocorra como modo de olhar para o mundo, destituindo o mundo das aparências, que seria a destituição da pseudoconcreticidade (KOSIK, 1976) no campo dos processos formativos. Essa condição de ruptura seria algo comum ao se compreender a realidade educativa, destituindo a aparência que a cidadania é um ponto de chegada que se inicia na desigualdade que não sabe existir como sujeito na sociedade.

Numa simples observação, pode-se constatar que grande parte dos planos de ensinos ou propostas pedagógicas de curso colocam como ponto de

chegada a realização da cidadania. Entretanto, isso seria algo paradoxal, uma vez que o sujeito/cidadão já se encontra presente no primeiro encontro em sala de aula, pois ele possui uma determinada representação da vida em sociedade.

Uma escola democrática e participativa deveria colocar como pressuposto que a cidadania se encontra logo no início, ao se permitir a igualdade entre os sujeitos em que possa ocorrer a condição de diálogo no sentido de “[...] romper a divisão entre os que estão submetidos à necessidade do trabalho dos braços e os que dispõem da liberdade do olhar” (RANCIÈRE, 2019, p. 61).

Neste contexto, torna-se pertinente a apropriação de técnicas de ensino que possam romper com a neutralidade. Para tanto, deveria se colocar em evidência a técnica de ensino como forma de apropriar do mundo e como essa se encontra incorporada no sujeito como elemento reflexivo da ação. Essa condição reflexiva permite ao professor, como intelectual, como aquele que, em sala de aula, conduz o processo do ensinar e aprender como forma de, a todo momento, reformular o modo de aplicar a técnica de ensino como uma discussão das relações entre forma e conteúdo.

Portanto, a atuação do professor como intelectual emancipado em sala de aula seria uma atuação de diversos modos de mostrar o conteúdo para aqueles presentes, como algo interessante para se pensar o mundo. Aliás, o mundo de torna interessante a partir do momento em que se torna possível implicar-se em sua compreensão e transformação. Para tanto, deve-se combater as formas de indiferenças dos sujeitos perante a cultura escolar. Os sujeitos deveriam se apropriar da cultura como instrumento para o modo de compreender o mundo.

No caso do exercício permanente do trabalho do pensamento crítico seria a condição que se encontra na forma de implicar-se com o mundo, em que o exercício do trabalho do pensamento se encontra para além da técnica de ensino, ou seja, seria um modo de pensar o mundo que rompe com as diversas formas de banalizações. Para o exercício da autoridade na função docente, no uso da palavra, requer que a experiência de vida se encontre incorporada ao sujeito como modo de olhar e pensar o mundo em que as formas de condução da atividade educativa se expressam no modo de ser do sujeito.

Torna-se oportuno destacar que alguns cursos de licenciatura têm como pressuposto básico do ensinar e aprender, na maioria das disciplinas, a

repetição de atividade e, principalmente, apresentarem o método de ensino como sendo “os princípios pedagógicos”. Para tanto, o professor da disciplina apresenta o passo a passo para ensinar para os alunos uma determinada habilidade teórica e prática. Isso se constituía como uma receita para o ensino em sala de aula, em que se ajustava à didática como algo que subordinava o professor em sala de aula.

Em oposição a essa situação da alienação do professor aos métodos de ensino, buscamos realizar o movimento contrário, pois ao apresentar o curso para os futuros professores, seria como se deslocar dos “princípios pedagógicos” para uma situação em se possa pensar um modo específico de constituir os processos formativos para além da técnica. Compreendemos as relações entre o ensino e aprendizagem como forma reflexiva sobre o método de ensino e é isso que caracteriza a posição da função docente como intelectual emancipado na realização da atividade educativa.

Entretanto, toda essa heurística para se pensar os processos formativos pode se desfazer quando não se estabelece o vínculo educativo, mais propriamente, numa relação educativa inexistente em que se destitui as condições básicas para o ensinar e aprender. Isso ocorre quando, em sala de aula, apenas se espera o tempo passar para pegar o ônibus para voltar para casa. Esse fato paradoxal se apresentou no final do semestre, em que no último dia de aula, foi perguntado para os alunos presentes por qual motivo eles não faziam perguntas. Como eles não faziam perguntas resolvi, então, perguntar: “quem vai seguir a profissão de professor? ”.

A resposta a essa pergunta foi que grande a maioria não deseja ser professor, por diversos motivos, como, por exemplo, “queria um outro curso, mas entrei nesse”; “esse curso é que tem perto de casa”; “vou acabar esse curso para depois começar outro”; enfim, grande parte dos alunos não estava interessado em pensar nas relações do ensinar e aprender. Como era o último dia do curso e faltavam alguns poucos minutos para finalizar a aula, disse para eles que podiam sair da sala. Entretanto, ninguém saía da sala. Achei estranho isso e disse: “tenho mais uma pergunta – por qual motivo vocês não saem da sala?”. A resposta foi em coro: “Professor! Estamos esperando o horário do

nosso ônibus para ir embora”. Fui embora pensando que a sala de aula estava mais próxima de uma sala de espera de estação rodoviária.

A grande questão seria alterar essa informação da sala de aula como lugar de esperar e reconstruir o tempo de espera numa atividade escolar interessante, em que se possa resgatar o sujeito para o campo dos processos formativos. Diria que esse é o maior desafio para grande parte dos professores em sala de aula, no sentido de tornar o campo da cultura escolar algo interessante e, primordialmente, agradável para os sujeitos que ali se encontram, presentes para pensar e transformar o mundo. Portanto, o professor, ao entrar em sala de aula, teria a condição de colocar em discussão a cultura na perspectiva de compartilhar com todos os presentes as diversas contradições sobre o mundo em que vivemos. Essa posição reflexiva elimina as repetições alienantes que operam no campo do tecnicismo pedagógico e pressupõem uma forma crítica de pensar os conteúdos. Diria que esse encontro entre os sujeitos em sala de aula seria o elemento básico para a realização da função docente como intelectual emancipado que requer a formação dos professores para além da técnica de ensino.

## Referências

BLACK, Carol. *Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco* (Schooling the World). EUA/Índia: 2011. 126 minutos.

CHAUI, Marilena. *A ideologia da competência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

GHIRALDELLI JR, Paulo. A Filosofia como desbanalização do Brasil. Disponível em: <<https://www.portalentretextos.com.br/index.php/post/a-filosofia-como-desbanalizacao-do-brasil> > Acessado em 30 jan. 2023. <https://www.portalentretextos.com.br/index.php/post/a-filosofia-como-desbanalizacao-do-brasil>

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914). In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. v. XIII. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

KOSIK, Karel. O mundo da pseudoconcreticidade e a sua destruição. \_\_\_\_\_. *Dialética do Concreto*. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LAFER, Celso. Da dignidade da política: sobre Hannah Arendt. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. *Sobre uma degradação geral da vida escolar*. In: Educação Temática Digital, Campinas, v.10, n.2, p.157-168, jun. 2009.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. Impedir que o mundo se desfaça. In: LARROSA, Jorge & RECHIA, Karen Christine & CUBAS, Caroline Jaques (Organizadores). *Elogio do Professor*. Trad. Fernando Coelho; Karen Christine Rechia; Caroline Jaques Cubas. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

NAPOLEONI, Claudio. *Lições sobre o capítulo sexto (inédito) de Marx*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981,

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *Figuras da história*. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

RANCIÈRE, J. Prefácio ao Le Philosophe et ses pauvres. *Rapsódia, [S. l.]*, v. 1, n. 11, p. 33 - 43, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/143784>. Acesso em: 19 jan. 2023.

RODRIGUES, Rogério. Apontamentos críticos referentes à cartografia sobre a compreensão em ser professor de verdade a partir de Jacques Rancière. In: *Revista Ciências Humanas UNITAU*. Taubaté: Universidade de Taubaté, Vol. 13, No 1, jan/abr, 2020.

RODRIGUES, Rogério. O elogio da escola como lugar específico em que ocorre o ensinar e o aprender. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP)*, Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC). V. 103, N. 264, Maio/ago, 2022.

VARELA, Julia. O estatuto do saber pedagógico. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

## **SOBRE O AUTOR**

**Rogério Rodrigues** - Graduado em Educação Física (Unesp - 1987) Especialista em Teorias e Métodos de Pesquisa (1989 - Unicamp). Mestre em Educação (1997 - Unicamp). Doutor em Educação (2004 - Unicamp). Pós-Doutor em Filosofia da Educação (2017 - USP). E-mail: rrunifei@hotmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2657-7302>

### **Tramitação:**

Recebido em: 04/07/2023

Aprovado em: 15/08/2023.